

**Aos moldes de Amós e Cantares:
profecia e sabedoria para além das fronteiras da religião no laicismo**

Flávia Luiza Gomes*

Introdução:

A comunicação propõe refletir sobre a proliferação, no laicismo, da profecia e sabedoria, aos moldes de Amós e Cantares, para além das fronteiras da religião e seus representantes oficiais, ecoando na poesia brasileira contemporânea e MPB.

Amós era um vaqueiro do reino do Sul que proclama denúncias proféticas no Norte num tempo de prosperidade sob o reinado de Jeroboão II. A estabilidade política e o desenvolvimento econômico do país, concomitante, com o aparecimento de profundas tensões sociais, impelem Amós a lançar seus anátemas contra a injustiça social. As reprimendas do profeta se concentram sobre o culto, não porque o povo tivesse se desviado do ritual prescrito, mas por colocar juntos incenso e injustiça, prece e opressão, rito e alienação. O culto é rechaçado por Deus que se declara enjoado da fumaça dos sacrifícios e desejoso de se apartar dos barulhos dos cânticos dos fiéis (5:21-23). O fulcro da profecia de Amós brada pela justiça e pelo direito (5:24), criticando uma religiosidade que corrobora para a injustiça e alienação.

Nesse viés, Gilberto Gil ironiza sobre a ideologia religiosa que aliena e explora: “Não lembra de nada, é louco/mas não rasga dinheiro/promete a mansão no paraíso/contanto, que você pague primeiro.” Zé Ramalho, abordando a desigualdade social, se faz mensageiro de Cristo que a um pobre excluído diz: “Hoje o homem criou asas/e na maioria das casas/eu também não posso entrar.” João Alexandre denuncia o rito vazio: “Enquanto se canta e se dança de olhos fechados/tem gente morrendo de fome por todos os lados.”

Cantares é um dos livros que compõe o bloco dos sapienciais, por serem escritos que apresentam a sabedoria e a espiritualidade de Israel. Sabedoria que se coaduna na aquisição do bom senso e discernimento das situações por meio do exame cuidadoso e crítico da experiência concreta do cotidiano. Num tempo em que a religião assume uma

* Especialista em Teologia Bíblica e Mestre em Ciências da Religião. E-mail: lgflavia@hotmail.com

postura moral e legalista quanto à sexualidade, surge o Cântico contestando e resistindo ao conformar-se num modelo erótico afetivo centrado no corpo, no desejo e prazer como plena realização do amor que é chamado de “labareda de Javé” (8:6). O protesto e questionamento do livro articulam uma sabedoria que repudia e se origina para além da catequese oficial, conformando-se no protagonismo da mulher com conjecturas de autoria pelo sexo feminino ferozmente subjugado nesse contexto.

Semelhantemente, Oswaldo Montenegro indaga e discerne: “se o sexo é tão proibido por que ele (Deus) criou a paixão? Se Deus criou o desejo por que é pecado o prazer?” Bem como, na poesia, Adélia Prado contesta e encerra em sabedoria: “nisto consiste o crime, em fotografar uma mulher gozando e dizer: eis a face do pecado. Por séculos e séculos os demônios porfiaram em nos cegar com este embuste.”

Amós foi expulso do Norte pelo profeta da corte e o Cântico perdeu seu teor de crítica ao ser interpretado alegoricamente possibilitando sua aceitação entre os livros sagrados. Hodiernamente, no laicismo, qual tem sido o percurso da profecia e sabedoria que questiona e se forma para além da religião?

1- A pureza de ser mulher

Ao contrário do veiculado pelos representantes oficiais de Deus por meio da religião no pós exílio, a mulher em suas funções não é impura em Cantares. A sabedoria neste livro discerne toda a pureza e beleza do amor erótico afetivo e um dos pontos salientados é a liberdade da mulher assumir e viver seus desejos.

A mulher tem a iniciativa e assume seus desejos:

O Cântico dos cânticos irrompe, sem titubeios, expondo toda sua resistência ao moralismo e legalismo religioso de sua época. A amada mostra-se ousada convidando seu amado ao amor em erotismo efervescente. A mulher, portanto, contra uma cultura e a opressão religiosa, outorga-se legitimamente na iniciativa para o encontro amoroso em nada pudico e totalmente despido de recato.

Que me beije com beijos de sua boca!/ Teus amores são melhores do que o vinho,/ o odor de teus perfumes é suave,/ teu nome é como óleo se espalhando,/ e as donzelas se enamoram de ti.../ Arrasta-me contigo,/ corramos!/ Leva-me, ó rei, aos teus aposentos/ e

exultemos!/ Alegremo-nos em ti!/ Mais que o vinho,/ lembraremos teus amores!/ Com razão se enamoram de ti... (1:2-4)

O poema é marcado, como os que seguem, pelo tom de ternura apaixonada que dominará toda a coleção. O livro inicia-se de forma abrupta, em clima de total erotismo e passionalidade dando lugar a algo inédito para aquele tempo, pois discorre de um convite para o amor erótico fruto da iniciativa da mulher que livremente expressa seu desejo pelo amado, com intensidade e sem limites, tabus ou restrições.

Esse instante de deleite e contemplação por parte da amada, que deseja os beijos, amores, cheiro e simplesmente o prazer de falar sobre o amado, conduz a uma ação urgente, mas, não menos esperada como trajetória audaciosa e intrínseca à embriaguez da paixão.

O desejo latente se escancara com toda passionalidade na iniciativa da amada por meio de um convite nada encabulado para que seu amado corra juntamente com ela ao lugar íntimo. Corramos depressa para um lugar retirado e íntimo, um aposento! Esse é o convite da amada, que não se mostra convencional, mas impelida pelo sentimento que parece a tudo relativizar por sua supremacia e que faz felizes os que percebem e valorizam a dádiva do amor e não deixa de vivê-lo nem mesmo pela implementação de um moralismo regado à ideologia religiosa. Para essa amada que subverte a ordem, o aposento é como o recipiente do precioso conteúdo do amor. Conteúdo que urge que tem pressa, por se derramar, por se conformar e consumir.

O prólogo como porta de entrada para o livro propõe grande ousadia. A legitimidade de a mulher tomar a iniciativa para o amor até hoje pode causar estranheza. E a isso acrescido de todo erotismo em plena embriaguez de vinho, perfume e óleos se espalhando, amor que busca o secreto, a intimidade, e exulta. É, entretanto, apenas o começo.

No poema “Casamento”, como em Cântico, Adélia apresenta uma mulher que tem a iniciativa para o sexo como indivíduo atuante dizendo sim ao prazer com o amado.

“Há mulheres que dizem:/ meu marido, se quiser pescar, pesque,/ mas que limpe os peixes./ Eu não. A qualquer hora da noite me levanto,/ ajudo a escamar, abrir, retalhar e salgar./ É tão bom, só a gente sozinhos na cozinha,/ de vez em quando os cotovelos se esbarram,/ ele fala coisas como ‘este foi difícil’/ ‘prateou no ar dando rabanadas’/ e faz o gesto com a mão./ O silêncio de quando nos vimos a primeira vez/ atravessa a cozinha como um rio profundo./ Por fim, os peixes na travessa,/ vamos dormir./ Coisas prateadas espocam:/ somos noivo e noiva”. (PRADO, 1991, p. 252).

Na imagem do pescador, que evoca os discípulos de Jesus, e do peixe, que é símbolo dos cristãos, é perceptível a associação do homem e da mulher como um ritual religioso. A cozinha se transforma no local da liturgia que acolhe o homem e a mulher que estão em comunhão num ritual que tem seu ápice no sexo na cama no clímax do prazer: “Coisas prateadas espocam”. Adélia insinua quanto de religioso e divino tem a união erótica afetiva a partir da alusão a símbolos sacros cristãos.

O sexo é partilhado, homem e mulher estão no mesmo nível, pois a relação só acontece pelo desejo dos dois. Mas há uma ressalva significativa na escolha dessa mulher que decide dizer sim. Sobre ela está a primazia da ação que desemboca na religiosidade do momento que conduz para um final de verdadeira celebração, onde, juntos, homem e mulher atingem o orgasmo. Não há submissão, pois a mulher faz porque quer e a cumplicidade entre os dois evidencia-se também no ato de descamarem os peixes juntos e não apenas a mulher trabalha na cozinha. Cumplicidade que se estende à relação sexual. É por causa dessa mulher autônoma que decide pela iniciativa de dizer sim enquanto outras diriam não, que o momento se desenrola. Sem o consentimento e iniciativa da mulher de se levantar a qualquer hora da noite para “escamar, abrir, retalhar e salgar”, não haveria noivo e noiva, mas provavelmente, uma história bem menos erótica.

Há nesse poema uma força feminina atuante, ao contrário do que normalmente existe: passividade e resignação ou ainda a obrigatoriedade da negação e a conseqüente revolta e descontentamento imputado pelo imperativo paradigma da mulher contida. Adélia, como o prólogo do Cântico, apresenta uma mulher que transgride, pois não hesita em ir atrás dos seus desejos e é responsável pelo erotismo do momento. A beleza no sim desta mulher está no aspecto de não ser um sim imposto por modelos externos, por teorias masculinas, pela moral construída sob bases que limitam preconceituosamente a mulher em seu ser. Este sim expressa a postura da mulher que assume a construção de sua história fluindo na autoria de sua própria vida sem limites aos fluxos da vida na mulher. “Hoje é sim, amanhã pode ser não, porque amanhã é outro dia fora e dentro de si mesma”. (STEINER, 2005).

Essa mulher autônoma, que sabe quando quer e como vivenciar o que deseja entendendo-se enquanto indivíduo sexual que não refuta de si mesma esse direito, é de igual modo, descrita por Maria Lúcia Dal Farra (1994) no belo poema “Culinária”:

Deito a manteiga na panela/ e entremeio/ (ao calor do fogo)/ os temperos./ O alho desprende aromas/ e/ amarelo/ empresta à cebola a parte de que/ carece/ na imensa analogia dos cheiros/ nem salsa, nem coentro!/ Invade já a casa/ o sabor da lembrança futura.

A comida é o dispositivo usado pela mulher de Dal Farra para levar o homem que deseja para a cama, pois a escolha dos alimentos é que determina o instante do erotismo. Ela tem a iniciativa, é responsável por preparar com detalhes os entremeios das preliminares deitando a manteiga na panela e...

A imagem criada pela poetisa faz referência ao ato sexual: “a manteiga derretendo na panela caracteriza a lubrificação, o órgão sexual se apresenta quente, e o alho (o masculino) penetra a cebola (o feminino) e ambos tornam-se unos”. (VITAL, 2009). A salsa e o coentro que geralmente são utilizados para aliviar o hálito de alho e cebola não conseguem inibir o cheiro que exala pela casa. Cheiro que alude ao prazer na união do homem e da mulher no sexo que não pode ser contido.

A continuidade dessa quebra de paradigma que inverte e compreende a mulher como participante ativa no prazer sexual, encontra seu revés, do mesmo modo, em músicas contemporâneas como a de composição da cantora Paula Fernandes intitulada “Pássaro de fogo”. A mulher construída nesse poema musical toma a iniciativa fazendo o convite para a vivência do amor que culmina num desafio ousado ao propor ao amado: “permita sentir/ se entrega pra mim”. Seguindo ao convite a mulher descrita por Paula Fernandes, como a de Cantares que pede para ser levada aos aposentos do amado para a consumação do amor, se declara desejosa da vivência do prazer admitindo o seu desejo de que ele toque-a entregando seu corpo com paixão: “Cavalgue em meu corpo, minha eterna paixão”.

2- Culto inválido: ritualismo sem prática de justiça

Amós foi definido como o “profeta da justiça”. De fato, ele lança seus anátemas contra todas as formas de injustiça social. Mesmo quando denuncia o culto, não o faz porque o povo tenha se desviado do ritual prescrito, mas porque coloca juntos incenso e injustiça, prece e opressão, rito e alienação humana. A fé para ele deve traduzir-se em justiça social; a justiça social brota de uma relação perfeita com Deus. (Bonara, p. 23).

O vaqueiro que anuncia a profecia se revolta contra uma vida confortável e luxuosa, unida a injustiças e opressões, conjugada a um culto vazio e formalístico, temperada com a presunçosa segurança de si.

Havia fraudes comerciais de qualquer jeito e a qualquer preço: falsificar as balanças, diminuir as medidas, falsificar os pesos, comerciar mercadorias estragadas. Maquiavelismo puro: engana-se, mas vai-se ao templo, assistem-se cerimônias religiosas. Tudo deve ser pelo menos aparência de legalidade! O lucro torna-se lei suprema. (Bonara, 32).

Escutem aqui, exploradores do necessitado, opressores dos pobres do país! Vocês ficam maquinando: “Quando vai passar a festa da lua nova, para podermos pôr à venda o nosso trigo? Quando vai passar o sábado, para abrimos o armazém, para diminuir as medidas, aumentar o peso e viciar a balança, para comprar os fracos por dinheiro, o necessitado por um par de sandálias, e vender o refugio do trigo?” Javé jura pelo orgulho de Jacó: Não posso jamais me esquecer de tudo o que essa gente faz. Não é por isso que a terra treme e seus moradores todos se apavoram? Não é por isso que toda ela sobe como o rio Nilo e, como o rio do Egito, baixa novamente? (Amós 8:4-6)

O Deus de Amós não é uma potencia impessoal que deve ser adorada com sacrifícios, ritos e preces mágicas, mas é um Deus pessoal que exige diálogo sincero. Ele deseja uma liturgia existencialmente autêntica.

No entanto, o profeta não condena toda forma de culto, mas, sim, a liturgia desligada da vida, o rito ao qual não corresponde um empenho de verdadeira honestidade. Com mordaz ironia profética, Amós denuncia os “pecados litúrgicos” do povo de Israel:

Dirijam-se a Betel, e pequem; vão a Guilgal, e pequem ainda mais! Ofereçam de manhã seus sacrifícios e ao terceiro dia levem seus dízimos! Ofereçam pão fermentado como sacrifício de louvor e proclamem em alta voz as ofertas espontâneas! Pois é disso que vocês gostam, filhos de Israel! - Oráculo do Senhor Javé. (4:4-5).

Amós se dirige aos abastados proprietários agricultores e criadores de gado que sob o próspero reinado de Jeroboão II afluem aos famosos santuários de Israel. É provável que o profeta tenha falado por ocasião de uma grande festa. No meio da festa, Amós faz ouvir seu grito sarcástico: “Entrai em Betel..., em Gilgal... e pecai”. Que zelo em oferecer todo tipo de sacrifícios! O profeta enumera todos os atos litúrgicos que ali se celebram: sacrifícios, ofertas dos frutos dos campos, pães sem fermento, donativos espontâneos ostensivamente proclamados pelos oferentes.

Porém, o que agrada ao povo (4:5) é odiado por Deus (5:21). Deus afirma, com desprezo, que esses são os “vossos” sacrifícios e as “vossas” oferendas: ele não quer tomar conhecimento delas.

Eu detesto e desprezo as festas de vocês; tenho horror dessas reuniões. Ainda que vocês me ofereçam sacrifícios, suas ofertas não me agradarão, nem olharei para as oferendas gordas. Longe de mim o barulho de seus cânticos, nem quero ouvir a música de suas liras. Eu quero, isto sim, é ver brotar o direito como água e correr a justiça como riacho que não seca. Vocês por acaso fizeram ofertas ou me ofereceram sacrifícios durante os quarenta anos de deserto, ó casa de Israel? (5:21-26).

O culto a Javé torna-se ocasião para se entregarem a grosseiras orgias gastronômicas. A liturgia é pervertida em banquete barulhento com ostentação de luxo, comidas, música e cantos. O país está se desmantelando, mas os ricos não prestam atenção a isto. A religião é para eles um anestésico, uma droga eficaz que acalma sua consciência. Neste clima agradável, irrefletido, superficial, até o culto festivo é esvaziado de seu significado. A reação divina é violenta (5:21-23). Deus está enjoado pelo fumo dos sacrifícios, está estonteado pelos sons e cantos de seus fiéis. Chega de culto formalista, vazio de sentido religioso autêntico.

Amós investe contra uma instituição institucionalizada, fechada em si mesma, segura de si e confiante no culto como rito mágico. Para Amós não existe oposição entre o culto exterior na igreja e o culto interior no próprio coração. O povo que se apinhava nos santuários procurava em Deus a proteção para a nação, a prosperidade econômica, o bem-estar material, a saúde. Deus tornava-se para eles um “meio” para obter o que mais lhes aprazia. Mas Amós se insurge: Deus não é um meio, mas o fim! O culto verdadeiro não é instrumentalização de Deus. (B, 41).

Amós repreende os israelitas por praticarem um culto errado, pura exterioridade. De tal liturgia não podem brotar os frutos do direito e da justiça. Liturgia e vida andam juntas: se uma está errada, a outra também falha!

Dessa maneira, ir a Betel, a Gilgal, é como “transformar o direito em veneno e lançar por terra a justiça” (5:7). Procurar Javé e procurar a justiça é a mesma coisa. Javé não é, portanto, adorado por um culto que é fruto de injustiça.

Aos moldes do grito de Amós é possível ouvir ecos do clamor por justiça e por uma religião que não seja alienante indiferente às questões sociais e mais ainda que não se some ao esquema de exploração.

Gilberto Gil, compositor e cantor de MPB, em sua música “Guerra Santa” critica uma religião que explora e aliena: “...não lembra de nada, é louco/mas não rasga dinheiro/promete a mansão no paraíso/contanto, que você pague primeiro...” Na canção está embutida a crítica de um sistema que faz da religião um meio de conseguir

magicamente a bênção de Deus o que ofusca o sentido primeiro do culto, como veiculado por Amós. Uma religiosidade que engaje e produza justiça.

Zé Ramalho, abordando a desigualdade social em sua música “Cidadão” se faz mensageiro de Cristo que a um pobre excluído diz: “Hoje o homem criou asas/e na maioria das casas/eu também não posso entrar.” Mais uma crítica à desigualdade social que não corresponde ao desejado e ensinado por Jesus em seu exemplo de vida. ou seja, uma prática que exclui Deus ainda que “dentro” dessas casas o professem e o conservem em oratórios.

João Alexandre, que se intitula de cantor de música popular cristã, denuncia o rito vazio em sua composição “Em nome da justiça”: “Enquanto se canta e se dança de olhos fechados/tem gente morrendo de fome por todos os lados.” Claramente e crítica sobre uma religião alienante que a despeito de toda a injustiça no mundo é praticada.

Conclusão:

É fácil intuir o quanto é atual o discurso de Amós até mesmo pela sua receptividade na MPB. Para além das fronteiras da religião e seus representantes oficiais, como Amós continuam a perpetuar a denúncia profética por vias, desse modo, quiçá, demonizadas e tidas por profanas.

No tempo de Amós, Os israelitas praticam o culto a fim de obter a benevolência do Senhor, evitando assim modificar o comportamento que têm em relação aos outros. Amós não tolera a hipocrisia de um culto desmentido cotidianamente na prática. O culto dissociado de um comportamento justo corresponde a uma blasfêmia que induz os fiéis ao erro.

Do mesmo modo a resistência em Cantares se percebe perpetuada, também, fora da casta sacerdotal, por assim dizer. Na poesia, na MPB, o pleito do Cântico se faz presente à sua forma contemporânea.

Num tempo em que a mulher era desprezada e reprimida socialmente, com a anuência e a conformação pela própria Lei de Deus, o Cântico explode num elogio a ela, revelando toda a sua beleza, valor, legitimando a vivência plena de suas funções enquanto mulher outorgando-lhe o prazer em sua sexualidade.

O anseio do Cântico em restaurar a dignidade da mulher e sua plenitude em poder perceber-se mulher, com leveza no sentido literal, não é difícil, a modos similares na

intencionalidade, de se averiguar em guarida na poesia contemporânea brasileira bem como na MPB.

A força atuante outorgada à mulher por esses poemas que transgridem a Lei de Deus deve ser compreendida no âmbito de que a mulher tem o direito de escolha no contexto sexual, bem como de assumir seus desejos, vivenciá-los livre dos estigmas pecaminosos imputados a essa experiência como distanciamento de Deus.

Fato é que no laicismo o brado profético e de sabedoria se fazem ouvir com veemência crítica possibilitada ainda mais pela laicidade.

Referências

A BÍBLIA DE JERUSALÉM. 3ª ed. São Paulo: Paulinas, 2004.

A BÍBLIA DO PEREGRINO. 2ª ed. São Paulo: Paulus, 2006.

ANDINACH, Pablo. *Cântico dos cânticos: o fogo e a ternura*. Petrópolis: Vozes, 1998.

BALANCIN, Euclides Martins. *Como ler o livro de Amós: a denúncia da injustiça social*. São Paulo: Paulus, 2001.

DAL FARRA, Maria Lúcia. *Livro de Auras*. São Paulo: Iluminuras, 1994.

GALLAZI, Sandro. *Ensaio sobre o pós-exílio: mecanismos de opressão; a resistência da casa e da mulher*. 2ª ed. São Leopoldo: Oikos, 2008.

PRADO, Adélia. *Poesia Reunida*. São Paulo: Siciliano, 1991.

PRADO, Adélia. *Entrevista: conversas com a escritora Adélia Prado sobre a interface teologia e literatura*. Belo Horizonte, 15 de fev., 2005. Entrevista concedida a Douglas Rodrigues da Conceição.

REIMER, Haroldo, “Amós, profeta do juízo e justiça”, *Revista de Interpretação Bíblica Latino-americana*, Petrópolis; São Leopoldo, v. 35/36, p.171-190, 2000.

REIMER, Haroldo, “Agentes e mecanismos de opressão e exploração em Amós”, *Revista de Interpretação Bíblica Latino-americana*, vol. 12, Petrópolis / São Leopoldo, p. 51-60, 1992.

RIZZANTE, Ana Maria. *Eu serei para ele como aquela que dá a paz: uma chave de leitura do Cântico dos cânticos*. Revista de Interpretação Bíblica Latino Americana, Petrópolis, nº 21, p. 78-88, 1995.

SCHWANTES, Milton, “Profecia e Estado – Uma proposta para a hermenêutica

profética”, em *Estudos Teológicos*, São Leopoldo, Faculdade de Teologia, v.22, 1982, p.105-145.

SCHWANTES, Milton, *A terra não pode suportar suas palavras - reflexão e estudo sobre Amós*, São Paulo, Paulinas, 2004, 206p.

STEINER, Neusa Cursino dos Santos. *A poesia de Adélia Prado: Religião, tradição e transgressão*. Disponível em: <http://www.uesc.br/seminariomulher/anais/PDF/NEUSA%20CURSINO%20DOS%20SANTOS%20STEINER.pdf>. Acesso em: 22 de março de 2013.

STORNILO, Ivo. *Como ler o Cântico dos cânticos: o amor é uma faísca de Deus*. São Paulo: Paulus, 1991.

STORNILO, Ivo. *O mistério do amor humano: o mais belo cântico de Salomão*. São Paulo: Paulus, 2003.

VITAL, Egberto Guillermo Lima. *Segredos culinários: da mesa para a cama*. Disponível em: http://artigocientifico.com.br/uploads/artc_1250538032_41.pdf. Acesso em: 15 de março de 2013.